
Representações da mulher negra e narrativas do consumo alimentar produzidas pelo Globo Repórter.¹

Antônio Carlos de SOUZA²

RESUMO

Neste artigo, problematizamos as representações simbólicas e narrativas do consumo alimentar protagonizadas pelas mulheres negras. Analisamos o episódio do Globo Repórter veiculado em 06/04/2024, utilizando pesquisas documentais, bibliográficas e Análise de Conteúdo. Como referencial teórico-metodológico, mobilizamos as autoras hooks (2019), Kilomba (2019), Gonzales (1984), Carneiro (2019) e Bardi (2006). Os resultados apontam para a perpetuação da racialização e da Outricidade, além de indicar caminhos para avançar na luta contra o racismo estrutural.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo negro; Afrodiáspórica; Comunicação; Consumo; Alimentação.

A autorrepresentação, enquanto conceito e atitude, é uma forma de desconstruir preconceitos, de empoderar vozes vulnerabilizadas e de entender o mundo sob uma perspectiva mais livre, onde nossa participação, onde quer que seja, é feita a partir de um olhar com propriedade sobre as coisas nas quais nós intervimos, sobre as temáticas, sobre a nossa agenda política comunitária e que também afeta esta comunidade global da qual fazemos parte. (BUNGUÉ, 2020).

INTRODUÇÃO

Neste artigo, problematizamos as representações simbólicas e narrativas do consumo alimentar protagonizadas pelas mulheres negras. Analisamos as produções de sentido em um episódio do Globo Repórter — Alimentação e combate à fome — um produto midiático da Rede Globo de televisão, veiculado em 06 de abril de 2024. O audiovisual jornalístico apresenta um debate sobre as dificuldades de produção de alimentos, problemas de distribuição e acesso aos alimentos *in natura*, bem como a importância de manter a sustentabilidade do planeta. Considerando o número populacional atual de 8 bilhões de habitantes, dados divulgados pela (ONU) — Organização das Nações Unidas apontam que bilhões de pessoas enfrentam dificuldades, com centenas de milhões sofrendo insegurança alimentar, o que, em sua forma mais grave, representa a fome. Além

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiáspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando e Mestre do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM ESPM-SP). Integrante do Grupo de Pesquisa BIOCON - "Comunicação, Discursos e Biopolíticas do Consumo" - Bolsista Prosup/Capes - e-mail: antonio.carlos@acad.espm.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6437-8227>.

disso, observamos um aumento no número de habitantes imigrando em busca de ajuda, juntamente com questões relacionadas a endividamento, dificuldades, guerras e desastres climáticos."

Segundo dados do relatório da “REDE PENSSAN”³, é grave a situação de insegurança alimentar e fome no Brasil, com marcadores sociais como cor/raça, gênero e classe desempenhando um papel significativo. Conforme os dados da pesquisa:

1. Insegurança alimentar grave entre lares chefiados por pessoas negras:

Cerca de 20,6% dos lares brasileiros chefiados por pessoas negras enfrentam insegurança alimentar grave, o que significa que essas famílias não têm acesso suficiente a alimentos básicos e passam fome.

2. Mulheres negras e insegurança alimentar:

Aproximadamente 33% dos lares chefiados por mulheres negras enfrentam as formas mais severas de insegurança alimentar.

Isso destaca a interseção entre gênero e raça, resultando em um efeito multiplicador de discriminação e exclusão social.

3. Homens negros e insegurança alimentar:

Cerca de 21,3% dos lares chefiados por homens negros também enfrentam insegurança alimentar grave.

Esses dados são alarmantes e evidenciam a necessidade urgente de políticas e ações para combater a fome e promover a segurança alimentar no Brasil. É fundamental abordar essas disparidades e garantir que todos tenham acesso adequado a alimentos nutritivos e suficientes para viver com dignidade. A seguir apresentamos o quadro comparativo entre lares chefiados por pessoas brancas e negras.

Categorias	Mulheres	Homens
Pretos	33%	21,3%
Branco	17,8%	7,8%

Quadro elaborado pelo autor. Fonte: “REDE PENSSAN” sobre insegurança alimentar

³ Fonte: <https://olheparaafome.com.br/> Acesso 25 jun. 2024.

Ainda, segundo matéria publicada na revista Carta Capital, historicamente, no Brasil, o enfrentamento à insegurança alimentar é gestado por organizações e coletivos liderados por mulheres negras.

Para Almeida (2018) o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais. Almeida (2020) conclui que “embora haja relação entre os conceitos, o racismo difere do preconceito racial e da discriminação racial e assevera que

O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos. A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça. (ALMEIDA, 2018, p. 26)

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA

O *corpus* analisado é o episódio do Globo Repórter veiculado em 06 de abril de 2024, com duração de 38 minutos. O programa abordou os desafios de produzir comida para a população mundial de 8 bilhões de habitantes. Durante o documentário, foram apresentadas ideias apoiadas pela (FAO) — Agência das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, como a agricultura irrigada com tecnologia israelense e a maior fazenda vertical urbana da América Latina, localizada em São Paulo. Além disso, o programa destacou o crescimento do agronegócio no país.

A peça jornalística aborda uma variedade de tópicos, incluindo tecnologia, desafios na cadeia alimentar e iniciativas de ONGs e coletivos sociais. Além disso, destaca os benefícios da agricultura orgânica. Nosso foco de análise é o trecho que aborda sobre o Projeto ‘Favela Solidária’, liderado por Regina Tchelly, uma nordestina negra e ex-doméstica. Também investigamos a participação narrativa da jornalista negra Dulcineia Novaes, repórter de televisão na RPC, afiliada da Rede Globo no Paraná. A partir da pesquisa empírica de textos e imagens de mulheres negras, construímos nosso objeto de análise em relação à visualidade e produção de sentido.”

Nossa abordagem teórico-metodológica envolve pesquisa documental, revisão bibliográfica e análise de conteúdo. Para a autora Penafria (2001), um documentário segue uma estrutura dramática e narrativa característica do cinema narrativo. Essa estrutura inclui elementos como personagens, espaço da ação, tempo da ação e conflito. A estrutura narrativa organiza esses elementos em cenas e sequências lógicas, alinhadas à ideia central que o realizador deseja transmitir. Considerações sobre o presente ou o passado são frequentes em documentários (PENAFRIA, 2001, p. 2). Mombelli e Tomain (2014) também corroboram essa definição.

Um documentário pode ser composto de várias vozes que se manifestam através das entrevistas, das fotografias e imagens de arquivo, das imagens contemporâneas, da voz, no entanto, ele sempre irá constituir uma voz própria, a partir da conjunção dessas vozes, que irão produzir um significado que traduz o ponto de vista, apresentando o argumento ou defendendo uma causa do cineasta. (MOMBELLI; TOMAIM, 2014, p. 7 *apud* PENAFRIA 2001)

A partir dessas asserções, trabalharemos com a Análise de Conteúdo que, segundo Bardin (2016), contempla a explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens, com o auxílio de índices quantificáveis ou não. Em Bardin (2009), o autor observa que com a diversificação qualitativa dos estudos empíricos, a Análise de Conteúdo é uma ferramenta essencial para compreender comunicações e interpretar dados. Adotaremos o seguinte protocolo para nossas análises.

Assistimos ao documentário várias vezes para compreender suas ideias principais e identificamos o material que comporia nosso corpus. Consideramos o contexto geral do documentário e observamos como os trechos selecionados se relacionam com a narrativa central. Formulamos hipóteses, sugerindo explicações e argumentos para responder à seguinte pergunta: As imagens e textos presentes na narrativa reforçam ou mitigam os estereótipos e a discriminação racial contra as mulheres negras? Selecionamos unidades de análise relevantes, escolhendo discursos (textos e imagens) que abordam temas de interesse para o artigo, bem como as representações simbólicas e imaginadas sobre a mulher negra. Nossa análise se baseou em mensagens padronizadas e objetivas que caracterizam preconceitos e discriminações raciais, buscando compreender as produções de sentido nos textos e imagens.

Assim, analisamos o conteúdo de modo crítico e mobilizamos paradigmas e epistemes dos Estudos do Feminismo Negro, amparados pelas reflexões teóricas-metodológicas das

autoras Collins (2013), Hooks (2019), Kilomba (2019), Gonzales (1984) e Carneiro (2016).

2. RESULTADOS ESPERADOS

Os resultados deste artigo indicam a perpetuação da racialização e a objetificação de indivíduos negros, sublimando sua agência sujeito. Dessa forma, inviabiliza a sua capacidade de autorrepresentação e de ser autor das suas próprias narrativas. Os resultados, contudo, não contribuem para o fim do preconceito e da discriminação racial, mas contribuem para o entendimento da temática e permite uma análise crítica do problema. Em relação ao conceito de Outricidade –sujeito e objeto–, hooks (2019) e Kilomba (2019) oferecem perspectivas esclarecedoras. Para hooks, o sujeito tem a capacidade de definir sua própria realidade, história e identidade. Já o objeto é definido em relação ao outro, moldado por essa interação. Kilomba (2019), por sua vez, explora o conceito de Outricidade, buscando novas formas de ser e se tornar sujeito.

Identificamos uma forte influência do colonialismo, manifestada por meio do patriarcado e do racismo, que afeta mulheres e pessoas negras. Essa discriminação parece estar cristalizada na sociedade. Por exemplo, aventamos que mulheres ganham menos por serem mulheres e negras. Além disso, a cor da pele influencia negativamente a renda, e essa desigualdade é agravada pela interseção de diversos marcadores de opressão. Infelizmente, isso dificulta o acesso dessa comunidade a alimentos in natura e reduz as chances de uma dieta saudável.

A pesquisa Nós e as Desigualdades 2022, produzida pela Oxfam Brasil em parceria com o Instituto Datafolha, demonstra que a sociedade brasileira tem uma percepção consolidada das desigualdades no país e defende ações prioritárias do Estado para reduzir a distância entre os mais ricos e os mais pobres.

Por fim, sugerimos que outros artigos sejam escritos sobre essa temática, considerando uma abordagem política. Isso permitiria debater questões relativas à democracia e, principalmente, problematizar as subjetividades produzidas a partir de uma racionalidade neoliberal.

3. CONCLUSÃO

Ao considerarmos soluções para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas periféricas no acesso a alimentos in natura, é importante promover o consumo responsável

como uma alternativa para uma dieta saudável para a população afrodescendente. Problemas de saúde, como diabetes e hipertensão, são comuns nessa comunidade, e abordar essas questões requer uma compreensão profunda das camadas de opressão que afetam as mulheres negras no Brasil.

A interseccionalidade desempenha um papel crucial nesse contexto. Além de gênero, cor/raça e classe, outras formas de desigualdade também contribuem para a perpetuação do preconceito e da discriminação racial. Para combater a fome no Brasil, é fundamental enfrentar o racismo e o patriarcado, garantindo direitos básicos, como acesso a serviços sociais, emprego, renda, moradia digna e uma alimentação adequada e saudável.

Organizações e coletivos liderados por mulheres negras têm desempenhado um papel fundamental nesse enfrentamento. Eles distribuem cestas básicas, fortalecem a agricultura familiar e atuam politicamente para garantir os direitos das pessoas em situação de maior vulnerabilidade no país.

Concluimos que as mulheres negras tensionam as relações de poder e exercem o direito à autorrepresentação. Ao se alçarem à condição de sujeitos, elas negam a condição de objetos e passam a condição de sujeito. Produzem suas próprias narrativas, resistindo e (re)existindo em locais marcados por ausência e silenciamento."

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?** São Paulo: Letramento, 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70/LDA, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70. 2016.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Pensamento feminista - conceitos fundamentais.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 325-333. COLLINS, P. H. **Aprendendo com a outsider within*:** a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 99–127, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/608> Acesso em: 8 ago. 2023.

GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. 1984, p. 223-244.

HOOKS, B. **Anseios: raça, gênero políticas culturais / bell hooks;** Tradução Jamile Pereira. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação** – Episódios de racismo cotidiano; Tradução Jess Oliveira – 1. Ed. –Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

OLHE PARA A FOME. Relatório II VIGISAN 2022. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.

PENAFRIA, M. O ponto de vista no filme documentário. 2001. Disponível em: <http://www.filmes.seed.pr.gov.br/arquivos/File/Opontodevistadofilmedocumentario.pdf> Acesso em: 25 jun. 2024.
<http://www.filmes.seed.pr.gov.br/arquivos/File/Opontodevistadofilmedocumentario.pdf>